

# Cultura

Por Paulo de Campos

Cattulo de Campos, envolvido com literatura, artes cênicas, música e cultura desde pequenino, sempre gostou de ler, escrever, atuar e tocar. Já com sete para oito anos foi "Jornalista por um Dia", quando o Jornal Zero Hora publicou o seu texto "O Último Mambembe" que contava a história dos palhaços Teteco e Teleco e de seu Teatro itinerante. Logo depois, escreveu também para a Zero Hora o texto "Na Batida do Maçambique" divulgando a manifestação cultural de Osório através desse auto folclórico e religioso. Ao mesmo tempo em que estudava teclado e violino - o que fez com que, apenas com nove anos, fosse convidado a tocar violino na canção "Em Louvor ao Divino" - concorrente da 13ª Tafona da Canção, e também participou com o vocalista da gravação da música "Amigo Meu" do segundo cd de Renato Junior. Hoje, depois de ter concluído os cursos de Linguagem e Estrutura Musical e Harmonia Funcional, Cattulo cursa Jornalismo na Unisinos, é professor de violão e produtor artístico da Galera da Rima, mantém colunas em sites e blogs na rede e será, a meu convite, o responsável por esta Página de Cultura interinamente até o mês de março, enquanto eu tento descansar um pouco. Recordemos, pois, o texto publicado por Zero Hora no ano de 1999.

## Na Batida do Maçambique

por: Cattulo

Sempre, no mês de outubro, em devoção a Nossa Senhora do Rosário, acontece o auto folclórico do Maçambique na cidade de Osório. Os negros maçambiqueiros expressam fatos históricos acontecidos na África, através da homenagem à Santa. Eles vêm do Morro Alto (distrito de Maquiné) e arredores, para dançar e desfilar nas avenidas e ruas importantes da cidade. Vestem roupas brancas, avental e gorro, com detalhes em azul ou vermelho e usam massacaías (uma espécie de cestinha com sementes dentro) amarradas na panturrilha, para dar o ritmo da dança, evoluções e cantorias, que são acompanhadas pelos centenários tambores de maçambique, numa batida empolgante. São dois grupos de dançantes, o Rei Congo, dois Capitães-de-espada e o Capitão do Mastro. E ainda duas personagens femininas, a Rainha Ginga e sua pajem. Os maçambiqueiros vão à igreja católica, onde fazem a solenidade do levantamento do mastro da bandeira com a imagem da Santa, e depois é feita a coroação da Rainha Ginga e do Rei Congo. Alceu Maynard de Araujo já disse que: "procurou-se desintegrar uma cultura sob o jugo ou pressão de outra, dando, aos negros, uma padroeira - Nossa Senhora do



Maçambiqueiros

Rosário. Por causa da cor, ela e São Benedito ficaram como padroeiros dos morenos". Contam, os mais velhos, que alguns negros teriam sido abandonados num navio à deriva que encalhou perto de Capão da Canoa. Então, esconderam-se no Morro Alto, nunca tendo sido escravos. Outro fato curioso é relatado por Guido Muri em seu livro Rememorações de Conceição do Ar-

roio - volume III: Houve um tempo em que o Maçambique autêntico estava definindo na vila. Os brancos, usando rolha de cortiça queimada, pintaram de preto seus rostos e mãos, e dançaram o Maçambique, cumprindo o ritual numa paródia divertida. Com isso, os negros, emocionados, foram incentivados a retomar sua tradição.

O Maçambique de Osório é um

fato folclórico da maior importância e deve ser preservado, apoiado e admirado por todos. É uma manifestação pura e espontânea da cultura popular.

1999 - Direitos de Publicação Reservados ao Jornal ZERO HORA. Reprodução e Publicação Autorizadas para: Rima Edições Literomusicais - Todos os Direitos Reservados - Cattulo de Camargo e Campos.

## Shirley Cabeleireira

No quesito beleza os cabelos vem em primeiro lugar.  
Valorize também os seus. Acompanhando as tendências da moda. Seja no corte, na coloração, química e etc...  
Deixe seus cabelos com a cara da estação e com o profissionalismo do Salão de Beleza Shirley.

Av. Getúlio Vargas, 831 (ao lado da Loja Clic Veículos)

Fones: (51) 3663 7854 / (51) 99925181



Cattulo e Galera da Rima